

QUEBRANDO A PRIMEIRA REGRA DO CLUBE DA LUTA: UM ESTUDO SOBRE A ORIGEM E O DESENVOLVIMENTO DO CLUBE DA LUTA EM *CLUBE DA LUTA* E *CLUBE DA LUTA 2*

Diane Nascimento de Oliveira*
Thiago Martins Caldas Prado**

RESUMO: *Clube da luta 2*, de Palahniuk e ilustração de Stewart, dá continuidade, em quadrinhos ao romance *Clube da luta*. O objetivo deste trabalho é estudar, comparativamente, as diferenças entre a origem e o desenvolvimento do grupo, apresentado nas duas obras. Para fundamentar a pesquisa, têm-se: Eisner (2010 e 2005), McCloud (1995 e 2006), Bey (2001 e 2007), Prado (2016). Assim, o que outrora era uma possibilidade de reivindicação do poder individual, no romance, transforma-se em um espaço de opressão, nos quadrinhos.

Palavras-chave: Clube da luta. Poetização do Crime. Tyler Durden. História em Quadrinhos.

Introdução

O clube da luta, retratado tanto no romance *Clube da Luta*, de Chuck Palahniuk, quanto em sua sequência em quadrinhos, *Clube da Luta 2*, é um grupo que reúne homens que lutam por esporte para aliviar as pressões e imposições sociais, morais e o consumismo cíclico. Suas lutas visam ainda ao elogio à liberdade, ao caos, ao autoconhecimento e ao crescimento individual. A produção quadrinizada, que é ilustrada por Cameron Stewart, foi publicada em 2015 e antecipa a comemoração dos vinte anos da publicação do romance, que ocorreria em 2016.

A narrativa desse romance apresenta um narrador-personagem, que não tem seu nome revelado. Ele tinha um emprego relativamente estável como coordenador de campanha de *recall* em uma empresa, tinha um carro ótimo e um apartamento bom, mobiliado com todas as tendências do momento, contudo sentia-se muito frustrado por ser “completo” demais. Devido a essas insatisfações com sua vida, o narrador-personagem desenvolve insônia e, orientado pelo médico, passa a frequentar grupos de apoio às pessoas com câncer, na tentativa de experienciar sofrimento de verdade e vir a perceber que seu problema era insignificante perto da dor dos outros.

Durante um período, sua participação nesses grupos surte efeito e, recebendo atenção das pessoas que achavam que ele também estava morrendo, livra-se da insônia. Contudo, a partir do ingresso de Marla Singer nos grupos, o narrador-personagem volta a ter insônia, pois nota que, assim como ele, Marla também mentia sobre seu verdadeiro estado de saúde. Nesse

* Doutoranda em Estudo de Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, vinculado ao Departamento de Ciências Humanas do Campus I da Universidade do Estado da Bahia (Salvador, Bahia, Brasil). Mestre em Estudo de Linguagens, na Linha 1 - Leitura, Literatura e Identidades (PPGEL/UNEB/FAPESB), possui especialização em Produção Textual, Gramática e Literatura pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (2018) e é graduada em Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas também pela UNEB (2017), Campus XXIII, Seabra. E-mail: dianen18oliveira@hotmail.com

** Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia, é pós-doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio (2019), doutor em Letras pela UFBA (2011), possui mestrado em Letras pela UFBA (2005) e graduou-se em Letras Vernáculas (licenciatura e bacharelado) pela mesma universidade (2002). Integra a equipe de permanentes do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL-Uneb) e do Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC-UFBA/UNEB/IFBA/UEFS/LNCC/SENAI-CIMATEC). E-mail: minotico@yahoo.com.br

momento, surge no enredo um outro personagem fundamental: Tyler Durden. Ele “conhece” Tyler em um momento em que o comodismo no trabalho, o consumismo desenfreado e os grupos de apoio que ajudavam a curar as insônias já não eram mais suficientes para sanar suas questões. Tyler é uma criação de sua imaginação, uma forma de enfrentar os problemas e deixar de ser um sujeito passivo e oprimido, mas ele só descobre isso próximo ao desfecho da trama.

Em uma tentativa de libertação, Tyler e o narrador-personagem criam juntos o clube da luta. Esse grupo, que não quer ter uma liderança marcada, é uma estratégia libertária que luta contra a estabilidade do poder e contra a formação de hierarquias exploratórias, fazendo-se existir por meio da invisibilidade, que se torna seu pressuposto e sua tática de guerra. Essa invisibilidade é demarcada já na primeira regra do grupo: “A primeira regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta” (PALAHNIUK, 2012, p. 56). Dessa maneira, os integrantes do clube utilizam a invisibilidade que a sociedade legou a eles como uma arte marcial que trabalha a seu favor. Ou seja, já que as suas vidas não interessavam ao sistema e eles não eram vistos, nada os impedia de atacar e sabotar a indústria de serviços e a moral consagrada sem serem percebidos de imediato.

Já a narrativa de *Clube da Luta 2* se passa dez anos após o desfecho de *Clube da Luta* e aborda o retorno de Tyler Durden, bem como dos projetos envolvendo a equipe. Além disso, traz os novos dilemas de Sebastian, narrador-personagem do romance, que agora tem o nome revelado, está casado com Marla e é pai de Júnior. Nessa sequência, persistem temas recorrentes na escrita de Palahniuk, como discussões em torno da moral padrão e críticas ao consumismo desenfreado. Contudo, outros elementos surgem na história em quadrinhos como a mudança do meio em que a narrativa é transmitida (a continuação é em quadrinhos e não em romance) ou o uso de metalinguagem (Palahniuk e sua equipe de edição e roteirização aparecem como personagens e vão escrevendo o enredo paralelamente ao seu desenrolar), por exemplo.

Algo que chama bastante a atenção é o modo como a equipe é apresentada nessa sequência do romance. O retorno de Tyler à vida de Sebastian também é o início de uma reestruturação desse grupo. Diferente do modo como foi apresentado no romance, a equipe agora tem uma liderança marcada – Tyler comanda as várias filiais do grupo pelo mundo. O clube passa a objetivar fins lucrativos e age com o intuito de alcançar os interesses próprios de Tyler. Agora não objetiva mais o caos e a destruição em prol do crescimento individual e da sabotagem à lógica de mercado e aos comportamentos padronizadores advindos de uma moral dominante, como antes.

A partir dessa conjuntura, o clube, tal como foi descrito em *Clube da Luta*, é uma possibilidade de reivindicação do poder individual que estava sendo sacrificado pelas corporações e pelo consumismo que ditam gostos e valores à sociedade. Porém, em *Clube da Luta 2*, esse grupo apresenta mudanças consideráveis, tanto nos seus objetivos quanto nos métodos empregados em seus projetos de destruição. Dessa forma, este artigo tem como objetivo investigar, comparativamente, as diferenças entre a origem e o desenvolvimento do clube da luta, apresentado no romance e em sua sequência em quadrinhos. Com isso, será possível diferenciar quais são, onde se encontram e por quais motivos ocorrem as mudanças nesse grupo, que outrora se comportava como um lugar-momento de libertação por meio do caos e depois se torna um espaço de opressão, próximo aos sistemas que se organizam a partir de hierarquias exploratórias, que eram tanto criticados anteriormente.

Para tanto, a pesquisa realizada neste trabalho pode ser classificada como bibliográfica e de natureza qualitativa, exploratória e interpretativa, por meio de método comparativo entre o romance de Palahniuk e sua continuação em quadrinhos. Para isso, as principais referências empregadas são: Will Eisner (2010 e 2005), Scott McCloud (1995 e 2006), Hakim Bey (2001) e Thiago Martins Prado (2016). Esses autores corroboram para discussões sobre, por exemplo, a ideologia da moral hegemônica, as alternativas à lógica do mercado presentes em *Clube da*

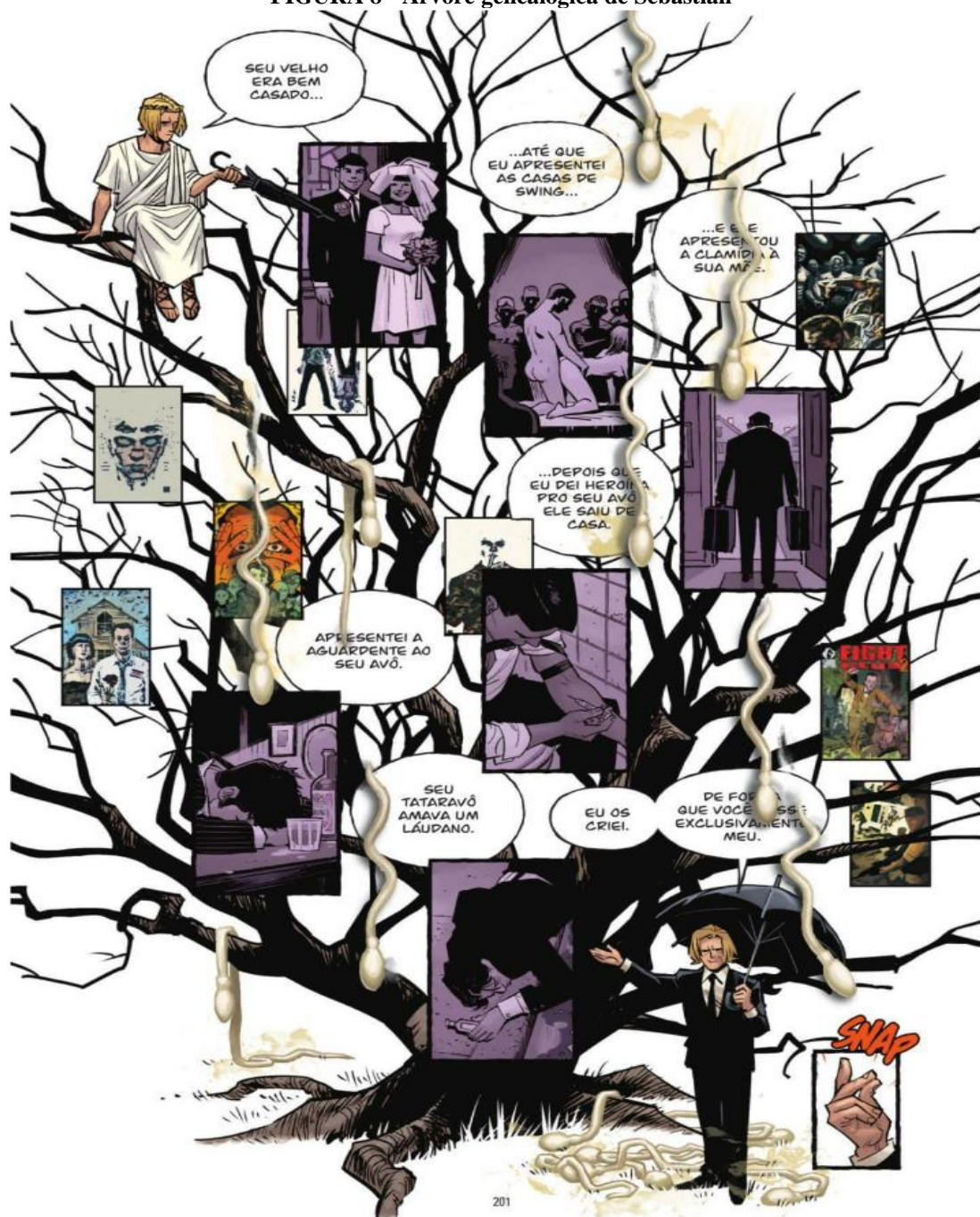
Luta, bem como a exploração socioeconômica e o desenvolvimento da equipe e os recursos dos quadrinhos (utilizados em *Clube da Luta 2*). O artigo é dividido em duas seções que discorrerão, respectivamente, sobre a decisão de Palahniuk em escolher a mídias quadrinhos para sequenciar seu mais consagrado romance e sobre as diferenças entre *Clube da Luta* e *Clube da Luta 2*.

A escolha da mídia quadrinhos

Ao anunciar a continuação de seu romance mais conhecido, quase vinte anos depois, Palahniuk surpreendeu seus leitores. Em entrevista ao site *The Wrap*, em 2015, questionado sobre o porquê de somente naquele momento dar continuidade à narrativa, o escritor explica que sabia que, se fizesse uma sequência para *Clube da Luta* muito cedo, toda sua carreira seria baseada em escrever continuações progressivamente menos interessantes do romance. Palahniuk salienta ainda que levou anos para criar interesse em voltar a escrever sobre a obra protagonizada por Tyler, uma vez que tanto o livro quanto o filme não obtiveram o sucesso esperado nos seus lançamentos, demorando para alcançar o reconhecimento que têm hoje.

Ainda em 2015, além de divulgação da sequência de seu primeiro romance publicado, o autor lança também o conto “Expedição”, contido no livro *Invente Alguma Coisa: histórias que você deve ler custe o que custar*. Esse conto também trata sobre o universo do clube, além de haver uma suposta aparição do próprio Tyler Durden como uma espécie de guia. A história é ambientada em Hamburgo, no início do século XX, e versa sobre as expedições do protagonista Felix M----- por um meretrício, centro de toda devassidão da cidade, em busca do seu pai desaparecido há cerca de vinte anos. Em meio a essa saga, Felix M----- encara seus sonhos ocultos, seus monstros, encontra o pai e luta contra ele. Após a luta, o protagonista descobre que agora também está perdido e que seu pai, assim como ele, desapareceu procurando o pai dele. Tyler voltará na próxima geração para igualmente guiar o filho de Felix M----- para encontrá-lo e atacá-lo, repetindo esse ciclo infinitamente¹. Essa relação conflituosa com o pai é destacada e questionada desde o romance, como já comentado anteriormente. Analisando isso, Lang, Barbosa e Caselli (2011, p. 853) explicam que, nesses questionamentos dos integrantes do clube, “a imagem paterna aparece como algo lamentável, como um pai fraco e ausente. Em relação às orientações para a vida, o pai é um cego a tatear, sem fazer ideia do que fazer ou de como orientar o filho em relação à vida e ao viver a vida. O pai não tem discurso, não há um discurso paterno a ser legado à posteridade”. A luta contra o sistema econômico contemporâneo, calcado no consumismo cíclico, e contra a padronização hierarquizada dos valores também é uma forma de simbolizar essa luta contra a figura paterna. Esse desejo, mesmo que inconsciente, de lutar contra o pai é igualmente abordado na história em quadrinhos quando Tyler mata Palahniuk, seu pai. Assim, tanto o narrador-personagem quanto Tyler e Felix M----- lutam contra seus pais ausentes e fracos que não foram capazes de se tornarem um modelo digno de ser seguido e reverenciado pelos filhos.

FIGURA 8 - Árvore genealógica de Sebastian



FONTE: (PALAHNIUK; STEWART, p. 201).

Tanto a continuação quadrinizada quanto o conto “Expedição” são parte do projeto de Palahniuk de transformar o clube em uma coisa maior. Esse desejo do escritor de transformar sua história em algo mais épico é destacado também na entrevista ao The Wrap. Assim, o autor procura criar e explorar uma mitologia sobre Tyler (Fig. 8), que passa a ser apresentado como um vírus mental que visita homens uma geração após a outra.

No romance, o passado do narrador-personagem não é tão esmiuçado a ponto de dar uma dimensão maior sobre o surgimento de Tyler. Contudo, apesar de terminar internado em um hospital psiquiátrico, o desfecho do livro deixa brechas que podem apontar para essa natureza de vírus mental que Tyler adquire nos quadrinhos. Vários funcionários do hospital

(que devido aos machucados, podemos compreender que são integrantes do grupo), fazem comentários sobre a continuidade dos seus planos e a última frase do romance, dirigida ao narrador-personagem, é: “Esperamos ansiosos pela sua volta” (PALAHNIUK, 2012, p. 257).

Diferente do romance, a sequência em quadrinhos explora mais o passado de Sebastian, mostra a aparição de Tyler ainda em sua infância e, como destacado na figura anterior, já está presente nos homens de sua família desde o seu tataravó. De modo idêntico, no conto “Expedição”, Tyler é apontado como um “guia” dos homens da família de Felix M-----, promovendo a luta desses personagens contra seus monstros, o confronto tão desejado do filho contra o pai.

Na entrevista ao *The Wrap*, o autor comenta também sobre o motivo da escolha de uma mídia diferente para a escrita da sequência. Ele relata que alguns amigos que trabalham com quadrinhos em Portland o convidaram para um jantar e o convenceram a escrever uma continuação para *Clube da Luta*. Palahniuk diz também que sabia que a continuação teria uma audiência, mas que se fosse escrita, por exemplo, como romance ou filme, seria demasiadamente comparada às versões anteriores. Com isso, os quadrinhos mostraram ser uma boa terceira mídia, que lhe proporcionaria mais autonomia, a criação de uma coisa própria e não apenas uma extensão do romance ou do filme, já consagrados.

Palahniuk também fala a esse site sobre as mudanças na sua escrita ao longo de sua trajetória. O escritor alega que definitivamente se afastou do minimalismo puro e da escrita em primeira pessoa, tons que marcam seus primeiros textos publicados. Em oposição a isso, ele diz que sua escrita se tornou mais experimental. Escrever em outra mídia parece, logo, ser uma de suas apostas para fazer coisas diferentes na carreira.

Além da autonomia e do experimentalismo, citados por Palahniuk, que os quadrinhos proporcionariam, há outras características inerentes às histórias em quadrinhos que possivelmente direcionaram a escolha dessa mídia pelo autor. Eisner (2005) aponta algumas diferenças entre os filmes, os textos e os quadrinhos, por exemplo. De acordo com esse estudioso, o público dos filmes é transportado através das narrativas, não tendo tempo para contemplar ou saborear as passagens. Já os textos exigem a capacidade de ler e envolve outras competências que suscitarão a conversão das palavras em imagens. Por fim, Eisner (2005, p. 73) afirma que, nos quadrinhos, “A aquisição exige menos do que o texto porque as imagens são fornecidas”, contudo espera-se que o leitor participe da narrativa, fornecendo internamente o som e a ação das imagens.

De acordo com esse estudioso dos quadrinhos, por exigirem do público habilidades de leitura distintas daquelas exigidas pelos textos escritos apenas com palavras, os filmes e produções quadrinizadas, apesar de suas características bastante diferentes, podem ter uma maior aproximação com a cultura de massa. Dessa forma, embora o romance tenha tido sucesso, sobretudo após o lançamento da adaptação fílmica, o gênero tem uma certa ampliação limitada em relação às mídias que tendem a se ampliar mais e a ter um volume maior de espectadores.

Embora exija menos do público em determinados aspectos, como Eisner sinaliza (2005), há outras potencialidades que estão presentes com mais força nos quadrinhos. A “conclusão”, fenômenos de observar as partes e perceber o todo, é um exemplo dessas potencialidades intrínsecas a essa mídia. Conforme McCloud (2005), os outros meios não usam a conclusão como os quadrinhos. O público dessa mídia é um colaborador consciente e voluntário do desenrolar da narrativa – leem o visível e o invisível. O espaço existente entre um quadrinho e outro é o local em que o leitor fica “livre” para criar suas próprias imagens e interpretações. Mesmo em comparação aos filmes que usam a imaginação dos espectadores em momentos ocasionais, McCloud (2005, p. 92) argumenta ainda que, aos quadrinhos, é necessário fazer isso com frequência: “Nenhuma outra arte oferece tanto ao seu público e exige tanto dele”.

Outra potencialidade dos quadrinhos é a facilidade que têm de penetrar na cultura popular de consumo devido à identificação do espectador a ícones pop. Eisner (2010, p. 7) defende que “A compreensão de uma imagem requer um compartilhamento de experiências. Portanto, para que sua mensagem seja compreendida, o artista sequencial deverá ter uma compreensão da experiência de vida do leitor”. Palahniuk explora essa ferramenta ao optar trazer para *Clube da Luta 2* personagens que seus leitores já conheciam, inclusive “ressuscitando” Chloe e o Grande Bob, que haviam morrido no romance (Chloe justifica sua volta dizendo que não morreu, apenas havia parado de aparecer nos grupos de apoio e o Grande Bob retorna, literalmente, como um zumbi). Inclusive, Palahniuk declara ao HuffPost US, em 2017, que sabia que, ao tentar uma nova forma de contar histórias, seria mais inteligente ficar com personagens que já estavam presentes no imaginário de seus leitores.

As diferenças entre o romance e a produção quadrinizada

Como já sinalizado na introdução, há inúmeras diferenças entre *Clube da Luta* e *Clube da Luta 2*. Talvez, em um primeiro momento, a maior distinção que se possa observar entre essas duas obras seja a mudança em seu formato: a primeira obra é um romance e a segunda, uma história em quadrinhos. Contudo, após uma leitura mais aprofundada, observa-se que há mudanças significativas também no clube da luta apresentado nas duas obras. Apesar de continuar sendo auto-organizado, o grupo, pela maneira que é retratado em *Clube da Luta 2*, modifica seus objetivos e, em certa medida, seus métodos.

Constata-se que as características mais marcantes do grupo, tendo em vista a maneira como aparece no romance, já não são as mesmas. Inicialmente, no romance, a equipe assemelhava-se ao que Bey (2001) chama de zona autônoma temporária, pois não tinha uma liderança marcada e adotava a invisibilidade. Posteriormente, aproxima-se do que Bey (2007) cunha como terrorismo poético, devido às particularidades de suas táticas de enfrentamentos às instituições detentoras de poder. Essa passagem do emprego da zona autônoma temporária para o uso do terrorismo poético, como destacado anteriormente, por abandonar a invisibilidade e demonstrar sinais do início do surgimento de uma presença de liderança, marca o prenúncio de ideias que se concretizarão fortemente na produção quadrinizada. Além disso, outro aspecto definidor do clube, tal qual apresentado no romance, é o ataque constante ao consumismo e, conseqüentemente, o ato de rechaçar toda possibilidade de a equipe ser um espaço de acúmulo de lucro.

Em contrapartida, o desenvolvimento do clube, em *Clube da Luta 2*, é marcado justamente por ser quase que o total inverso dessa fase que se mostrou radicalmente contrária às formas de poder verticalizadas, ao consumismo compulsivo e desenfreado, bem como de todas e quaisquer formas de padrões, sejam eles morais ou até mesmo estéticos. De início, Tyler já é alçado à posição de líder supremo, gestor onipotente do clube da luta (Fig.09 e 10).

FIGURA 9 – Tyler analisando as vendas de sabonetes



FONTE: (PALAHNIUK; STEWART, p. 29).

FIGURA 10 - Conferência de Tyler



FONTE: (PALAHNIUK; STEWART, p. 72).

Na Fig.09, por meio do *close-up*, é realçada a posição de Tyler como líder e chefe do clube e de seus projetos, além disso, levando em conta a composição, Tyler domina, inclusive, todo esse quadrinho: a imagem, o balão de fala e a “voz” do narrador da história – todos são dele. Já na Fig.10, Tyler, em uma espécie de conferência, comanda e sugere que seus seguidores matem líderes políticos. Já na composição dessa figura, fica evidente a pequenez das outras pessoas em relação a Tyler e suas ideias. Isso é intensificado, entre outras coisas, pelo tamanho e formato dos quadrinhos que, alargados, difundem a noção de tempo transcorrido, conforme

estudo de McCloud (1995) sobre as técnicas utilizadas por essa mídia, além de proporcionar uma visão ampla do espaço e do número de seguidores de Tyler – que não retratados como uma multidão sem face, sem cor, uma massa a ouvir seu líder. Ao assumir a posição de líder, ele continua perpetuando a dominação do Estado, repetindo um ciclo vicioso. Bey (2001, p. 16) afirma que esse tipo de liderança que surge após um regime antigo cair configura-se como “um Estado após o outro, cada ‘paraíso’ governado por um anjo ainda mais cruel”. Ou seja, não há mudança de fato para as pessoas que passaram a “seguir” Tyler. Seus séquitos apenas trocaram um líder autoritário por outro que prometia revolução, mas que igualmente se mostra tirano.

Essa postura que Tyler adota, na história em quadrinhos, opõe-se radicalmente às suas próprias orientações, destacadas anteriormente no romance. Em *Clube da Luta*, Tyler faz questão de ressaltar que ninguém é o centro da equipe, a não ser os homens que estão lutando. Essa determinação é tão marcante que, posteriormente, até é incorporada como uma nova regra do clube. A ausência de uma liderança era justamente para esse comandante não repetir os padrões de dominação que os governantes e as corporações utilizam indiscriminadamente, ditando valores, desejos, padrões estéticos, etc.

Associado a uma liderança autoritária, o clube mostrado nos quadrinhos abandona ainda uma das características que formou as bases de sua origem: ser um grupo auto-organizado, que pretendia ser temporário – aspecto que o assemelhava a uma zona autônoma temporária. Se antes a equipe só existia no momento da luta, agora o clube não tem mais perspectiva de findar. Um exemplo que ilustra o caráter duradouro que esse grupo agora pretende ter é o plano, a longo prazo, de reconstrução da humanidade (Fig.11). Nessa figura, o balão, que normalmente contém as falas, abriga imagens que representam o futuro idealizado por Tyler. Assim, ao projetar seus planos para o futuro, Tyler entende que, para um mundo novo, é necessário mais que ações pontuais e com um fim anunciado. A partir dessa ótica, abrir brecha para o clube e seus ataques voltarem a ser temporários poderia criar possibilidades de novos regimes de poder surgirem paralelos ao seu.

Todavia, era justamente no caráter temporário que Bey (2001) visualizava um dos principais pontos positivos dos grupos auto-organizados. Ao dissertar, por exemplo, sobre os levantes – movimentos que “fracassaram”, que não chegaram a terminar seu ciclo – Bey (2001, p. 15) afirma que, ao falhar, ou seja, ao não se concretizar como uma revolução que dure, “o levante sugere a possibilidade de um movimento fora e além da espiral hegeliana do ‘progresso’, que secretamente não passa de um ciclo vicioso”. Com isso, esse estudioso reitera que, mesmo não acontecendo todos os dias, a intensidade e a extraordinariedade desses movimentos temporários “moldam e dão sentido a toda uma vida” (BEY, 2001, p. 16).

A continuação do clube na história em quadrinhos, de modo semelhante, não utiliza mais a invisibilidade como uma tática de guerra, como antes. Seus ataques são públicos e matar para eliminar os empecilhos é um método cada vez mais utilizado em larga escala para alcançar os fins pretendidos. Como sinalizado anteriormente, do mesmo modo que a invisibilidade era uma arte marcial que trabalhava em favor dos propósitos da equipe, organizar e executar ataques públicos faz parte da nova postura desse grupo – somente o que é visto é lembrado. Nesse sentido, se relacionar com as simulações e com a espetacularização passa a ser uma forma de estar presente em todos os lugares, ser percebido, nomeado e reconhecido (Fig.12). Ou seja, utiliza a estratégia que o Estado e todas as instituições detentoras de poder utilizam para perpetuar seu domínio, vender sua marca e suas ideologias. Na Fig.12, constata-se novamente o uso de pichação de *spray* que, também associada à ilegalidade, mais uma vez preserva a identidade do agente, mas transmite uma mensagem imediata a um grupo específico.

FIGURA 11 – Mundo idealizado por Tyler



FONTE: (PALAHNIUK; STEWART, p. 200).

FIGURA 12 – Pichação com referência ao Erga-ze ou Morra



FONTE: (PALAHNIUK; STEWART, p. 13).

Modificam-se também as possibilidades de suas ações terem uma maior aproximação daquilo que Bey (2007) conceitua como Terrorismo Poético. Um exemplo dessa diferença são os objetivos e os métodos do Projeto Mangueira, nos quadrinhos, contraposto ao ataque realizado a um prédio, no romance, em que integrantes do clube ateam fogo em algumas janelas, reproduzindo a imagem de uma máscara. Apesar de os métodos dessas duas ações provocarem desconforto nas pessoas devido a sua imprevisibilidade, somada à improbabilidade criativa de tais crimes como produções artísticas – características que Bey (2007) atribuía ao terrorismo poético –, seus objetivos são diferentes. Enquanto no romance o objetivo era fazer as pessoas que presenciassem tal ação despertarem para o controle do sistema, nos quadrinhos, os ataques públicos às obras de arte escondem a acumulação de vários objetos artísticos pela equipe (Fig.13)¹.

FIGURA 13 – Obras de arte colecionadas pelo clube da luta



FONTE: (PALAHNIUK; STEWART, p. 118).

Ao montar esse acervo particular, a equipe retira o caráter de mudança coletiva que o terrorismo poético tem, pois só beneficia ao grupo. Essa prática abre a possibilidade de o Projeto Mangueira passar a ter fins lucrativos. Do mesmo modo, os “sacrifícios humanos” que surgiram no romance também tomaram novos rumos. Se, inicialmente, tinham como finalidade fazer homens passarem por uma experiência de ameaça de morte e, com isso, mudarem sua perspectiva de vida e seguirem seus sonhos que foram abortados em algum momento da vida, agora o clube oferece uma mudança na vida de indivíduos, entretanto quer algo em contrapartida. Os jovens que entraram na faculdade e são mantidos/ameaçados pelo grupo devem prestar serviços ao clube². Essa nova postura do clube demonstra que o foco não está mais na mudança da vida desses homens, mas nos lucros e na obtenção de favores.

Diante dessa nova reorganização, com filiais por todo o mundo, da postura que Tyler assume como líder autoritário influente e, principalmente, de seu foco nos rendimentos, o grupo pode ser comparado a uma megacorporação. Além de o projeto Erga-ze ou Morra alugar tropas militares por todo o mundo, outro serviço lucrativo que o clube mantinha era a venda de

sabonetes e bombas. Um dos integrantes do clube enfatiza a filosofia que norteia a venda desses produtos: venda uma coisa que as pessoas só consigam usar uma vez, o que significa estimular o consumismo extremo (Fig.14).

Esse pensamento mostra-se voltado para o planejamento e execução de uma venda lucrativa e dialoga com a filosofia das corporações, que, como Bakan (2008) enfatiza muitas vezes em seu livro, põem os lucros acima de tudo e de todos. Em virtude disso, o poder aquisitivo da equipe pode ser identificado em várias passagens da história em quadrinhos, uma delas é uma imagem de vários jatinhos com a logomarca do projeto Erga-ze ou Morra, que eram usados nas ações (Fig.15).

FIGURA 14 – Estímulo ao consumismo



FONTE: (PALAHNIUK; STEWART, p. 149).

FIGURA 15 – Jatinhos do Erga-ze ou Morra



FONTE: (PALAHNIUK; STEWART, p.149).

Tyler, além de liderar o grupo e também os seus ataques, funciona como o *CEO* do clube. Nesse posto de líder, Tyler consolidou o grupo, do mesmo modo que outras megacorporações, por meio de filiais, que se espalharam por vários países. Assim como outros líderes totalitaristas, ele busca comandar o mundo, aumentando seu poderio financeiro, alimentando a guerra e o caos. De modo igual, utiliza-se de outra lógica do mercado que Bauman (2008) visualiza, segundo a qual, no jogo do consumo, separam-se os jogadores ávidos e ricos dos “consumidores falhos”, que não detêm grande poder aquisitivo. Ao fazer isso, Tyler pretende separar o “rebanho escravo” do “livre”, para reconstruir o mundo, utilizando para isso a Operação Injeção Letal que atinge moradores de rua, mendigos. Assim, em *Clube da Luta 2*, o grupo utiliza-se dos meios que tanto criticava e combatia. O clube agora passa a ser também um modelo exploratório global, camuflando seus interesses financeiros sob o disfarce de estar “renovando o rebanho”, “construindo um mundo melhor”.

Considerações finais

Ao dar continuidade ao enredo de *Clube da Luta*, Palahniuk demonstra ter convicção de que o projeto criado na origem do clube não se sustenta a longo prazo. As diferenças entre as duas obras começam pela escolha da mídia em que a sequência foi desenvolvida. Além de tentar evitar o ciclo comparativo entre romance e adaptação fílmica, Palahniuk opta pelo meio quadrinhos para se aproximar mais da atmosfera cultura de massa que o romance. Sob outra perspectiva, com os quase vinte anos entre os lançamentos das duas obras, o autor mostra ainda que, assim como o narrador, ele também não consegue se livrar de Tyler, seu personagem mais aclamado.

As modificações no modo como o clube da luta é apresentado no romance e na produção quadrinizada evidenciam-se sobretudo no distanciamento da possibilidade de existência da zona autônoma temporária e do terrorismo poético, ambos conceitos desenvolvidos por Bey (2001 e 2007). O grupo que antes propunha-se a ser um elogio à liberdade, criticar a moral padrão e o consumismo cíclico transforma-se em uma megacorporação, que banaliza a morte e escamoteia o acúmulo de lucro sob suas ações. O apeço pela invisibilidade, pela recusa à liderança ou pelo cunho estético do crime não são mais possibilidades viáveis e desejáveis, ao contrário, o que se pretende agora é o estabelecimento de uma nova ordem perante o mando de Tyler, um líder totalitarista. Assim, quando “corrigir” o mundo já não é mais possível, opta-se por destruí-lo completamente para reconstruí-lo “melhor”, única e exclusivamente aos olhos de Tyler.

Enquanto o terrorismo poético visa à imprevisibilidade, a estética do crime e tem por fim promover mudanças coletivas nos participantes dos atos (seja quem pratica ou quem apenas assiste às ações), o estratagema serenidade está muito mais ligado à banalização da violência. Na HQ, um integrante do clube chega a comparar o estratagema serenidade ao Ragnarok, ao plano de Manson de se esconder junto com a Família no “poço sem fundo” e até mesmo a passagens bíblicas do Gênesis que tratam sobre a destruição do mundo pelo dilúvio enviado por Deus. Todas essas narrativas têm em comum o fato de exigir que uma elite, que “os escolhidos” se escondam, protejam-se de alguma forma enquanto o resto do mundo se caça até a extinção, esperando o alvorecer do novo mundo. Esses escolhidos não devem se chocar ou se comover com a destruição do mundo e das pessoas. Dessa forma, é preciso ser sereno com essa violência, pois, segundo o próprio Hitler acreditava, é “da destruição total que brotará uma nova semente”. Portanto, não há comoção dos integrantes do clube com o genocídio, porque ele é necessário para o planeta voltar a ser aperfeiçoado já que o terrorismo poético falhou nessa missão.

O autor parece entender a importância das ações praticadas no romance pela equipe e a necessidade do surgimento, naquelas circunstâncias, de um grupo auto-organizado que luta

contra a ordem, contudo entende também que não se pode supervalorizá-lo. Apostar todas as fichas em um projeto assim é correr o risco de ver-se sob uma nova hierarquia de mando, o que é o mote de todo o desenvolvimento de *Clube da Luta 2*. Por exemplo, os “sacrifícios humanos” – ação em que homens eram aleatoriamente ameaçados de morte por integrantes da equipe para, a partir da experiência de quase-morte, abandonarem a mediocridade e buscarem o que realmente desejavam – que, no romance, tinha o objetivo de “salvar” vidas por meio do choque, converteram-se, nos quadrinhos, em uma maneira de adquirir, e manter sob coação, mão de obra para o clube – agora, alguns desses homens ameaçados tornavam-se estudantes de medicina para tratar dos ferimentos dos integrantes do clube causados pelas lutas.

BREAKING THE FIRST RULE OF THE FIGHT CLUB: A STUDY ON THE ORIGIN AND DEVELOPMENT OF THE FIGHT CLUB IN *FIGHT CLUB* AND *FIGHT CLUB 2*

ABSTRACT: *Fight Club 2*, by Palahniuk and Stewart's illustration, continues the comic book to the fight club novel. The objective of this work is to study, comparatively, the differences between the origin and development of the group, presented in the two works. To support the research, we have: Eisner (2010 and 2005), McCloud (1995 and 2006), Bey (2001 and 2007), Prado (2016). Thus, what was once a possibility of claiming individual power, in the novel, becomes a space of oppression, in the comics.

Keywords: Fight club. Poetization of Crime. Tyler Durden. Comic books.

¹ O regime nazista também colecionou bens artísticos, mas, talvez, o papel da arte nesse regime é mais simbólico que no clube da luta. Alimentado por sua fixação pela Antiguidade (considerada um modelo da sociedade que queria formar), de acordo com o filme *Arquitetura da Destruição*, Hitler interessou-se pelas obras clássicas e neoclássicas, consideradas por ele como “superiores”. Dessa forma, apesar de ser ele próprio um artista frustrado (impedido de adentrar na Academia de Belas Artes de Viena), Hitler via a arte como meio de fundamental importância para o regime nazista e associava-a ao reflexo da saúde mental e à ambição de embelezamento da sociedade. Após a derrota da Alemanha, foram encontradas muitas obras de arte, além de retratos da hierarquia nazista, que foram escondidos como garantia de capital e reserva monetária do regime.

² Principalmente na atmosfera estadunidense, é possível aqui a comparação entre a escravidão promovida pelo aprisionamento na dívida advinda do financiamento do crédito universitário, em que o futuro de tal estadunidense será dedicar seu tempo e força de trabalho para quitar tal dívida, com a dívida e a escravidão de tais estudantes em relação ao clube da luta, liderado por Tyler. A escravidão e a dívida permanecem como instrumento de controle social.

REFERÊNCIAS

ARQUITETURA da destruição. Direção: Peter Cohen. Suécia, 1989. (110 min.). Son, Color.

BAKAN, J. *A Corporação: busca patológica por lucro e poder*. Trad. Camila Werner. São Paulo: Novo Conceito, 2008.

BAUMAN, Z. *Vida para o Consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEY, H. *TAZ: zona autônoma temporária*. Trad. Renato Rezende e Patrícia Decia. São Paulo: Conrad do Brasil, 2001.

BEY, H. et al. Terrorismo poético (TP). In.: BEY, H. *Caos; Terrorismo Poético e Outros Crimes Exemplares*. Trad. Patricia Decia e Renato Resende. 2007. Disponível em: <<http://catarse.co.nr/hakimbey/>>. Acesso em: 30 out. 2016.

EISNER, W. *Narrativas Gráficas*. Trad. Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2005.

EISNER, W. *Quadrinhos e Arte Sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. Trad. Luís Carlos Borges e Alexandre Boide. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

LANG, C. E.; BARBOSA, J. F.; CASELLI, F. R. B. A geração criada por mulheres: o pai e o masculino no Clube da luta. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 843-870, jun. 2011.

MCCLOUD, S. *Desvendando os Quadrinhos*. Trad. Helcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

MCCLOUD, S. *Reinventando os Quadrinhos*. Trad. Roger Maioli. São Paulo: M. Books do Brasil, 2006.

PALAHNIUK, C. *Clube da Luta*. Trad. Cassius Medauar. São Paulo: LeYa, 2012.

PALAHNIUK, C. *Clube da Luta 2*. Ilustração de Cameron Stewart. Trad. Érico Assis. São Paulo: LeYa, 2016.

PALAHNIUK, C. Expedição. In: *Invente Alguma Coisa: histórias que você deve ler custe o que custar*. Trad. Érico Assis. Rio de Janeiro: LeYa, 2018. p. 227-248.

PALAHNIUK, C. “Fight Club’s” Chuck Palahniuk on “Larger, More Epic” comic book sequel and David Fincher musical. Entrevista concedida ao *The Wrap*, 27 de mai. 2015. Disponível em: <<https://www.thewrap.com/fight-clubs-chuck-palahniuk-on-larger-more-epic-comic-book-sequel-and-david-fincher-musical/>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

PALAHNIUK, C. Autor de Clube da luta reflete sobre violência e masculinidade 20 anos depois. Entrevista concedida ao *HuffPost US*, 16 de mar. de 2017. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2017/03/16/autor-de-clube-da-luta-reflete-sobre-violencia-e-masculinidade_a_21897786/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

PRADO, T. M. *Discussão sobre a cultura e a política econômica dos Estados Unidos em Condenada, de Chuck Palahniuk*. *Remate de Males*, v. 36, p. 503-521, 2016.

Data de submissão: 13/08/2021.

Data de aceite: 30/11/2021.